

Redes Sociais: uma Interpretação do Ciberespaço

Carla Silvanira Bohn, UFSC (PPGEGC) carlabws@gmail.com
Gertrudes Aparecida Dandolini, UFSC (PPGEGC) gtude@egc.ufsc.br
João Artur de Souza, UFSC (PPGEGC) jartur@egc.ufsc.br
João Bosco da Mota Alves, UFSC (PPGEGC) jbosco@egc.ufsc.br

Resumo: Este artigo objetiva abordar as diferentes formas de interação dos atores sociais no contexto “ciberespaço” e com apoio nas bases filosóficas, contextualizar a influência que o mundo digital exerce sobre os indivíduos, discutindo os possíveis impactos que as redes sociais provocam na organização da cibercultura, essa nova expressão na construção da sociedade moderna. A metodologia, pautada em uma pesquisa bibliográfica, além de respaldar os temas escolhidos, permite co-relacionar de maneira pertinente a exploração dos fenômenos e demonstra a relevância deste estudo científico.

Palavras chave: ciberespaço, redes sociais, cibercultura.

Social Networks: An Interpretation of Cyberspace

Abstract: *This article aims to address the different forms of interaction in the context of social actors "cyberspace" and reinforced by the philosophical basis, the context influences the digital world has on individuals, discussing the possible impacts that cause social networks in the organization of cyberculture, this new expression in the construction of modern society. The methodology, based on a literature search, addition of supporting the chosen themes, allows correlating in a manner relevant to exploration of phenomena and demonstrates the relevance of this scientific study.*

Keywords: cyberspace, social networks, cyberculture.

1 Introdução

As redes sociais contemporaneamente representam a simbiose entre o frenético fluxo de informações com a necessidade latente do indivíduo de externar seu apetite extraordinário por interconexão, necessidade esta que Levy (2001) apresenta como um “reagrupamento da sociedade”, promovido pela fantástica capacidade humana de evolução tecnológica. Evolução que resultou na interpretação deste espaço interconexo, citado pelo autor como “ciberespaço”, onde em meio a um universo de infinitos significados, representa uma nova forma de disseminação de conhecimento.

O ciberespaço, que é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, encontra-se hoje no epicentro do elo autocriador da inteligência coletiva da humanidade e primeira emergência de uma *noosfera* – esfera do espírito e da inteligência coletiva (Levy, 1999).

Tornou-se claro que as redes de computadores permitem às pessoas criar novos espaços sociais onde elas podem se encontrar e interagir (Smith, 1999). Ao invés de pessoas falando com máquinas, as redes de computadores estão sendo usadas para conectar pessoas com pessoas (Wellman, 1996).

Nesta concepção interconexa, as comunidades virtuais, objeto de nossa pesquisa e investigação, pela propagação fluídica de informações e ao mesmo tempo pelo infinito universo de ocultos significados, instigam a utilização de teorias, ao qual neste caso utilizaremos a hermenêutica, para compreensão dos mesmos.

A hermenêutica, preliminarmente designada para interpretação de textos bíblicos ou outros considerados complexos, desponta na atualidade como um facilitador à possibilidade de interpretação e entendimento nos mais diversos âmbitos de pesquisa, educando o olhar do pesquisador, ensinando-o a “ver coisas invisíveis”.

Interpretar é uma arte. Arte que se ensina e que se aprende. Capaz de ver o invisível e ouvir o inaudível (Fialho, 2006). Como técnica de conversão do conhecimento tácito em explícito, revela que por trás de todo comportamento existe um universo infinito de significados ocultos.

2 Procedimento Metodológico

Como ponto de partida para compreensão da pesquisa como um todo, o procedimento metodológico traz consigo pressupostos essenciais para respaldar e qualificar o estudo proposto. Demo (1996) considera a pesquisa como “um questionamento sistemático crítico criativo, mais a intervenção competente na realidade em sentido teórico e prático” portanto, um conjunto de ações dispostas a encontrar solução para um problema.

Máttar Neto (2002) afirma que a pesquisa é ao mesmo tempo, um processo de descoberta e de investigação, portanto é um trabalho em processo que exige do pesquisador uma incansável busca, dedicado e atento às transformações contemporâneas, provido de mecanismos plausíveis capazes de sustentar a base fundamental de sua pesquisa.

Nesse sentido, o estudo do artigo, de caráter exploratório, nos permite proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito e construir hipóteses de resolução do mesmo, ou então, como acrescenta Triviños (2009), um estudo exploratório pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa. O procedimento técnico que permeia a pesquisa é teórico, apoiado na literatura existente, a partir da realização de revisão bibliográfica sobre o tema explorado.

3 Ciberespaço: a Conexão Planetária

Para o filósofo francês Pierre Lévy, os homens têm um extraordinário apetite para a interconexão, que envolve a escolha, a liberdade, a solidariedade, a interdependência e a consciência e a internet representa simplesmente o estado de reagrupamento da sociedade que se sucede à cidade física (Lévy, 2001).

Este reagrupamento elencado pelo autor, também intitulado de “ciberespaço” é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. (Lévy, 1999)

“o ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio texto meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas” (Lévy, 1999 p.41)

O ciberespaço encontra-se hoje no epicentro do elo autocriador da inteligência coletiva da humanidade [...] primeira emergência de uma *noosfera* – esfera do espírito e da inteligência coletiva, um princípio onde as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas

tecnologias de comunicação. Salienta o autor que “o ciberespaço é fogo do futuro” (Lévy, 2001), possibilitando a partilha de memória, da percepção e da imaginação, resultando em uma aprendizagem coletiva.

Faz a consciência humana passar a um nível superior, isto é, permite-lhe entrar em contato consigo mesmo e se unificar. (idem, p.147)

“um computador é uma montagem particular de unidades de processamento, de transmissão, de memória e de interfaces para a entrada e saída de informações [...] não é mais o centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos.” (Lévy, 1999 p.44)

Neste sentido, a dimensão do ciberespaço acompanha e dinamiza uma virtualização geral da economia e da sociedade, pluraliza o cenário globalizado, transcende territórios, e por sua capilaridade torna-o vetor de um universo aberto, interconexo e interativo.

Na emergência desta dinâmica, onde a cibercultura¹ é um dos motores da sociedade contemporânea, as atividades que movimentam o processo interconexo, denominado por “Rede”, tornar-se-á a mola propulsora responsável por interfacear este espaço virtual e permitir efetivamente o universo das informações.

3.1 Redes

Desde 1993, a internet tem atraído à atenção pública. Desde então, as vendas de computadores tem aumentado e mais e mais pessoas tem tido contato com “a Rede”. As redes de computadores, antes uma obscura tecnologia acessada apenas por uma elite, passaram a ser amplamente usadas e são agora assunto de debate político, interesse público e cultura popular.

Atualmente tornou-se claro que as redes de computadores permitem às pessoas criar novos espaços sociais onde elas podem se encontrar e interagir (Smith, 1999). Ao invés de pessoas falando com máquinas, as redes de computadores estão sendo usadas para conectar pessoas com pessoas (Wellman, 1996). As redes de computadores geram novas oportunidades de emprego, participação política, contato social e entretenimento. Neste contexto, a internet é um sítio estratégico de pesquisa para o estudo de processos sociais fundamentais, principalmente através das comunidades virtuais (Smith, 1999).

3.2 As Comunidades Virtuais

Comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da Rede quando um determinado número de pessoas discute algo por tempo suficiente, e com suficientes sentimentos, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço (Rheinghold, 2000).

¹ O gênero canônico da cibercultura é o mundo virtual, o desenvolvimento da infraestrutura técnica do ciberespaço abre a perspectiva de uma interconexão de todos os mundos virtuais (Levy, 1999 p.146).

As comunidades virtuais estão presentes na internet desde sua concepção. Inicialmente de forma simples, através do sistema de correio eletrônico (*e-mail*) onde surgiram na forma de listas de discussão, e depois através do mecanismo de *newsgroups*, ambos muito populares nas décadas de 1980-90. Com a abertura comercial da internet durante a década de 1990, novas formas de comunidades virtuais surgiram. Uma cronologia destas comunidades e sua evolução são vistas a seguir:

1. *Bulletin Board Systems (BBS's)*: serviço bastante antigo (teve seu auge nas décadas de 1970-80), consistia basicamente de comunidades reunidas por uma única pessoa que disponibilizava conexão via linha telefônica ao seu sistema de computador. Teve bastante visibilidade ao ser apresentado ao grande público pelo filme *Jogos de Guerra (Wargames, 1983)*. Pela necessidade de equipamento e conhecimento técnico ficou bastante restrito, sendo frequentemente associado às comunidades de piratas de computadores.
2. *Internet Relay Chat (IRC)*: sistema de conversação em tempo real (*chat*) surgido em 1988 e projetado para discussões em grupo. Evoluiu de sistemas de conversação anteriores, principalmente em BBS's. Em geral, um servidor de IRC oferece múltiplos canais, cada qual com um tema de discussão. Operadores de canal, em geral, forçam a adesão ao tema.
 - a) Páginas pessoais: com a abertura comercial da internet e a popularização da *world wide web (www)*, alguns usuários montam páginas com o propósito único de expor-se publicamente, frequentemente na forma de mini-currículos. O surgimento do *Geocities* em 1994 dá enorme impulso a esta exposição, pois oferece hospedagem gratuita de páginas pessoais. Neste serviço, o usuário escolhia uma cidade virtual baseado no tema principal tratado em sua página.
 - b) Jogos multiusuário: a facilidade de acesso oferecida pela internet e a melhora dos sistemas de computador permite, ainda na década de 1990, a evolução dos jogos de computador para ambientes onde milhares de usuários podem interagir ao mesmo tempo.
3. *weblog/blog/microblog*: no final da década de 1990, começam a surgir. O blog é uma evolução da página pessoal em que usuários mantêm diários (logs) disponíveis na internet. Frequentemente, tais diários expõem detalhes íntimos de tais usuários. Outra forma de *blog* que também ganhou popularidade são os temáticos (gastronomia, informática e fotografia, por exemplo, são temas comuns neste contexto). Atualmente, sistemas de *microblog* - particularmente o *twitter*, criado em 2006, em que se utilizam mensagens até 140 caracteres para permitir a integração com celulares via mensagens de texto - tem se tornado extremamente popular.
4. Compartilhamento *P2P*: no final da década de 1990, surge o *Napster*. Tratava-se de um serviço de compartilhamento de arquivos. Embora tenha tido um sucesso, causou controvérsia por ser utilizado principalmente para a distribuição ilegal de músicas. Embora tenha sido desligado por ordem judicial, inúmeros outros sistemas similares surgiram, permitindo o compartilhamento de qualquer conteúdo na internet.
5. *Wikis*: criado também na década de 1990, é um sistema que permite a edição colaborativa simplificada de conteúdo na internet. Projetado para ser uma forma simples de base de dados/informações *online*. O exemplo mais conhecido é a *wikipedia*.
6. Redes sociais: surgem no início dos anos 2000 como uma evolução de sistemas de busca e gerenciamento de amigos *online*. Estes sistemas possuem, em geral, foco em conectar pessoas com interesses afins e são vistos como tendo enorme apelo,

principalmente entre o público jovem. No Brasil o *orkut* torna-se “febre” e registra enorme expansão. Devido a um desejo de exposição, ou ingenuidade, usuários colocam seus dados pessoais (número de telefone, por exemplo) visíveis a qualquer outro usuário do sistema e com grande potencial para mau uso destas informações.

Outras formas de comunidades virtuais incluem os sistemas de leilão virtual e os recentes sítios de compras em grupo.

Em meio a este cenário conectado, o desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas colocam a humanidade diante de um caminho sem volta: já não somos mais como antes (Levy, 2001). As práticas, atitudes, modos de pensamento e valores estão cada vez mais sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço.

4 Hermenêutica: a Arte da Interpretação

A arte ou técnica da interpretação, denominada “hermenêutica”, em sua origem, era designada a teoria e o método de interpretação da Bíblia e de outros textos difíceis. Dilthey (1981) a alargou à interpretação de todas as criações e atos humanos, incluindo a história e a interpretação da vida humana.

A palavra grega *hermeneuein* significa expressar, explicar, traduzir ou interpretar; *hermeneia* é interpretação e assim sucessivamente.

Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), esboçou uma “interpretação” do ser humano (*Dasein*), o ser que, em si mesmo, compreende e interpreta. Sob sua influência, a hermenêutica se tornou um tema central na filosofia continental, gerando várias controvérsias. Neste sentido, arguindo sobre os mais complexos meios de extrairmos e relacionarmos significado aos pensamentos do indivíduo produziu-se um círculo hermenêutico: não podemos compreender o todo (um texto, por exemplo) sem compreender suas partes, ou compreender as partes sem compreender o todo.

Dilthey (1981), relacionando a hermenêutica à sua preparação teológica, faz uso da arte para responder a seguinte questão: “Como se diferenciam as ciências humanas ou sociais das ciências naturais?” Enquanto as ciências naturais explicam (*erklären*), as ciências sociais compreendem (*verstehen*). Compreendem não somente textos e discursos, mas qualquer “objetivação” significativa ou “expressão” da vida humana: gestos, ações, nossa própria vida ou de outrem, pinturas, instituições, sociedades, eventos passados.

Para Heidegger (*apud* Inwood, 2010) a interpretação envolve pressupostos: para interpretar algo como um livro devemos estar familiarizado com um mundo em que os livros tenham o seu lugar, um mundo de cômodos, mobília, estantes, leitores. Na concepção do autor, o *Dasein* compreende e interpreta, não de forma incidental e esporádica, mas de maneira essencial e constante.

A palavra *Dasein* vem do alemão e significa Ser-aí. O Ser-aí expressa o imediatismo e o inevitável, características da condição existencial. O “aí” é a abertura para o mundo iluminado e compreensivo. A característica básica do *Dasein* é a sua abertura para perceber e responder a tudo aquilo que está em sua presença.

Gadamer, seguidor mais próximo de Heidegger, em sua obra *Verdade e Método*, estabelece a relação entre estética e hermenêutica, além de submeter o fenômeno estético a uma análise interpretativa, possibilita para a estética a recuperação do

fenômeno da arte como experiência de verdade (Silva Júnior, 2008). O autor afirma também que a interpretação pressupõe uma "pré-compreensão" historicamente determinada, um "horizonte", envolve uma "fusão de horizontes", os horizontes do passado e do presente. E acrescenta que, não podemos ter a certeza de que a nossa interpretação é correta ou melhor do que interpretações anteriores. A nossa interpretação, e o nosso veredito sobre interpretações anteriores, está sujeita a revisão futura. Ao interpretar um texto do passado, investigamos nossa pré-compreensão tanto quanto o texto em si (Inwood, 2010).

A história do conhecimento se desenvolve a luz da linguagem. É a partir da articulação linguística que se produzem conceitos acerca da realidade que, em seu conjunto, formam o terreno de qualquer investigação. Para Gadamer: "ser que pode ser compreendido é linguagem", dando a entender que o todo do que existe para os homens, quando estes o percebem, e se percebem a si mesmos, já é a produção de uma linguagem. Seguindo esta lógica, nada pode ser admitido como existente sem a utilização de uma linguagem para identificar e expressar alguma coisa (Andrioli, 2003).

A partir das ponderações que a literatura aponta e entendendo a hermenêutica em sua essência, entendemos que a interpretação hermenêutica vai muito além da compreensão do que o autor quis dizer com seus escritos, perpassa mais pelo que o texto quer dizer para nós, enquanto leitores, o verdadeiro sentido está na capacidade de compreender que o que atualmente há significado em nosso círculo de linguagem, para as gerações futuras pode não ter a mesma significância.

Adentrando a contemporaneidade, onde o fluxo da informação e comunicação é frenético e incansável, acompanhar este processo, respaldado pela teoria hermenêutica, é instigante e curioso, pela capacidade de correlacionarmos a atual dinâmica tecnológica e o que este universo digital está dizendo a nós, ou para nós.

Nas últimas décadas, as posições clássicas, muitas fenomenológicas em sua natureza, apresentaram a tecnologia como elemento alienador entre as pessoas e seu mundo interno e externo. Contra esta corrente, algumas abordagens contemporâneas tomam um rumo diferenciado. A mediação toma o lugar da alienação como conceito chave para a análise da tecnologia e as tecnologias não são mais apenas formas de isolar pessoas de si mesmas e de seu mundo, mas *mediam* sua existência e experiências (Ihde, 1999).

5 Redes Virtuais: uma Leitura Hermenêutica

O desafio da internet para a hermenêutica concerne, primariamente, sua relevância social para a criação, comunicação e interpretação do conhecimento. Mais especificamente, deve-se questionar o impacto do "código digital" em todos os processos, particularmente os sociais, e, ainda, o desafio do digital no que diz respeito à auto interpretação dos seres humanos em todas as suas dimensões existenciais (Capurro, 2009).

Estas dimensões incluem: seus corpos, sua autonomia, concepção e vivência no tempo-espço, humor, entendimento do mundo, construção de estruturas sociais, entendimento da história, sua imaginação, sua concepção da ciência, suas crenças religiosas.

A interpretação perpassa pela percepção deste compartilhamento de memória que permite aumentar o potencial da inteligência coletiva. O saber, agora codificado em

bases de dados acessíveis *online*, é um fluxo caótico (Levy, 2001) daí a necessidade do norte hermenêutico para, além de filtrar este universo de informações, navegar neste instrumento de comunicação com o discernimento providencial à compreensão da sociedade atual.

De acordo com Capurro (2009), a tarefa da hermenêutica é dupla: pensar o digital e, ao mesmo tempo, ser abordada por ele. A primeira tarefa leva à questão sobre o impacto do código digital sobre todos os tipos de processos, em particular os sociais. A segunda tarefa refere-se ao desafio do digital com respeito à auto-interpretação dos seres humanos em todas as suas dimensões existenciais, particularmente seus corpos, sua autonomia, sua maneira de conceber e viver no tempo-espaço, seus humores e entendimento do mundo, a construção de estruturas sociais, seu entendimento da história, sua imaginação, sua concepção da ciência e suas crenças religiosas. Para aquela primeira tarefa, Capurro (2009) sugere uma nova abordagem - a hermenêutica digital - que estaria no núcleo da ética da informação, entendida como a reflexão ética sobre regras de comportamento subjacentes ao ciberespaço, incluindo sua interação com outros sistemas sociais bem como com processos naturais.

6 Considerações Finais

A rápida ascensão da internet como um espaço de construção e evolução contínua de redes sociais de comunicação, sem precedentes na história humana, leva à necessidade de ferramentas adequadas ao seu entendimento.

A hermenêutica expressa atualmente o impacto do ciberespaço não somente em todos os níveis da sociedade, mas também, com respeito ao auto-entendimento dos seres humanos, isto é, com respeito aos fundamentos ontológicos ou existenciais da construção digital da realidade (Capurro, 2009).

Neste contexto, novas formas de interpretação da realidade são propostas, como a hermenêutica digital. Porém, haverá realmente necessidade de tais desenvolvimentos? O ciberespaço e as novas formas de comunicação e socialização suscitadas por ele - como as redes sociais - apresentam, em sua essência, um desafio realmente novo, ou são simplesmente novas formas de apresentação para os mesmos problemas? A hermenêutica tradicional não possuiria o ferramental necessário para a interpretação desta realidade?

Claramente, ainda há muito que se aprender e depreender do ciberespaço e de nossas novas possibilidades enquanto seres sociais imersos neste ambiente, mas, seguramente, a hermenêutica, em qualquer de suas formas, pode ajudar-nos a obter uma visão mais clara de nossa relação com este admirável mundo novo. Encontrar soluções para o “quebra-cabeças” deste novo mundo, não parece ser tarefa fácil e de simples resolução, porém, a partir da reflexão sugerida pelos autores, tanto pela teoria hermenêutica quanto pela ascensão da “*noosfera*” de Levy, podemos iniciar um processo de busca e investigação e quiçá resulte-nos bons frutos, descortinando a complexa face deste emaranhado de informações em rede, deste mundo digital.

Referências Bibliográficas

ANDRIOLI, I. A. A crítica da hermenêutica e a hermenêutica da crítica, resenha: Interpretação e Ideologias, de Paul Ricouer. Rio de Janeiro, mai 2003. Revista Espaço



- Acadêmico. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_and.htm> Acesso em 22 nov. 2010.
- CAPURRO, Rafael. **Digital hermeneutics: an outline**. AI & Society. 2009.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- DILTHEY, W. Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften . A construção do mundo histórico nas ciências humanas. org. M. Reidel. Frankfurt, mai 1981. Crítica na Rede. Disponível em:
<http://criticanarede.com/html/filos_contemporanea.html> Acesso em: 10 mar. 11.
- IHDE, Don. **Expanding Hermeneutics: Visualism in Science**. Evanston, IL: Northwestern University Press. 1999. 216 p.
- HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit, Halle an der Salle: Max Niemeyer; trad. de J. Macquarrie e E. Robinson: *Being and Time*, New York: Harper & Row, 1962; trad. de J. Stambaugh, Albany. NY: State University of New York Press, 1996.
- INWOOD, M. Hermenêutica: os primórdios da hermenêutica. Disponível em:
<http://criticanarede.com/html/filos_contemporanea.html> Acesso em: 10 mar. 11.
- FIALHO, Francisco A. P. et al. **Gestão do conhecimento e aprendizagem: as estratégias competitivas da sociedade pós-industrial**. Florianópolis: Visual Books, 2006.
- LEVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço , a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MATTAR NETO, João Augusto. **Metodologia Científica na era da Informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- RHEINGHOLD, Howald. **The virtual community: Homesteading on the electronic frontier**. Reading , MA : Addison-Wesley. 2000.
- SILVA JÚNIOR, A. F. **Estética e hermenêutica: a arte como declaração de verdade em Gadamer**. São Paulo: USP, 2008, 206p. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-04012008-122703/pt-br.php> >
Acesso em: 18 out. 2011.
- SMITH, M.; KOLLOCK, P. **Communities in Cyberspace**. Routledge: 1 edition, 1999.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992. 175p.
- WELLMAN, B.; SALAFF, J.; DIMITROVA, D.; GARTON, L.; GULIA, M.; HAYTHORNTHWAITE, C. Computer Networks as Social Networks. Annual Review of Sociology. 1996.